

190

13R01202

▼ **RARIDADE**

# Índios albinos vendem artesanato para viver

*O albinismo é um caso raro entre os indígenas, e numa família caingangue no Oeste há três irmãos brancos*

**Na batalha**

**PAULO ÉDSON PAIM**  
 Itapiranga

Índios caingangues com cabelos loiros e olhos azuis. Isso parece cena de um filme



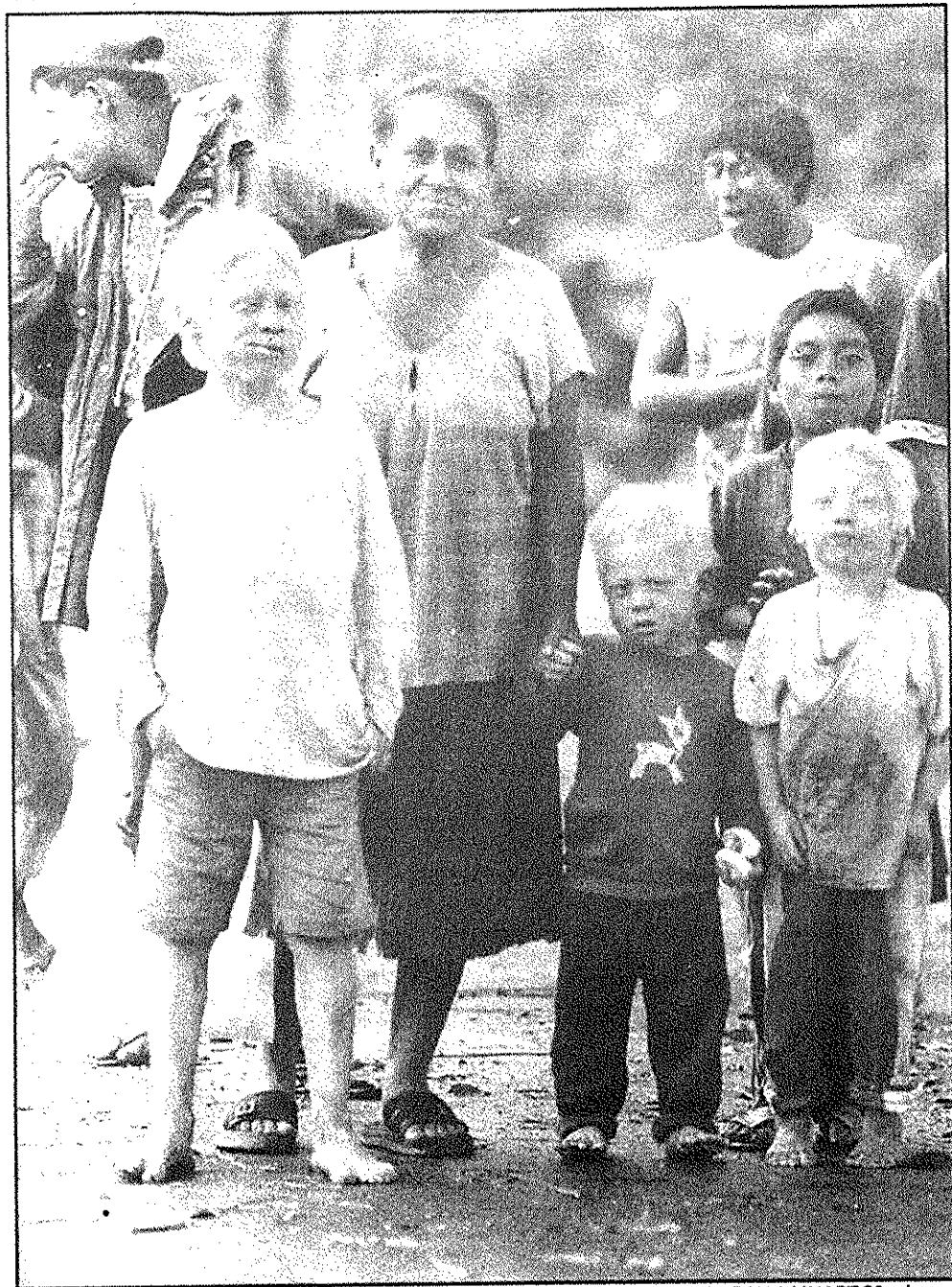
de ficção, mas a cena é verdadeira. Três meninos caingangues albinos andam nas ruas de Itapiranga,

no Extremo-Oeste do Estado, acompanhando seus pais na batalha diária para vender artesanatos e arrecadar dinheiro para as famílias da Reserva Indígena Guarita, em Tenente Portela (RS). O albinismo entre indígenas é um caso raro no Brasil.

Elias, três anos, Ezequias, de cinco, e Josias, de nove anos, são três irmãos albinos. Não há outro registro no Brasil de haver três índios albinos em uma só família. Os três irmãos perambulam pelas ruas de Itapiranga e passam despercebidos pela população local e pelos vistantes. A cidade tem cerca de 90% da população descendente de imigrantes germânicos. Como são pobre, os índios loiros mais parecem alemães favelados. Os que os distingue são as condições precárias em que vivem.

Vestindo calças e blusas de moletom - sujas, surradas e rasgadas - os indígenas espelham com fidelidade o retrato da marginalização a que foram submetidos pelo branco. A anomalia orgânica do albinismo representa a diminuição ou ausência da melanina - pigmentação escura - na pele, cabelos e olhos. Se pudessem escolher, Elias, Ezequias e Josias não seriam albinos.

**DOEÇAS** - As doenças decorrentes do albinismo são freqüentes, pois a debilidade causada pela falta de pigmentação torna o sol um inimigo diário e implacável. Os raios solares causam feridas, inflamações e queimaduras na pele esbranquiçada e desprotegida. Os olhos, também por receber o sol sem nenhuma filtragem, sofrem muito e têm uma dimi-



IRINEU DALLA VALLE/DC/Itapiranga

*Os garotos são loiros de olhos azuis, como descendentes de alemães da região*

nição constante no poder de visão. A cegueira progressiva é mais uma consequência do albinismo.

"Quando o primeiro nasceu, (Josias) achei normal. Um primo do meu marido já era assim", explica com naturalidade a mãe dos caingangues albinos, Tereza Sales. Ela tem oito filhos e a anomalia atingiu os três últimos. A avó dos índios loiros, Jesus Mathias, com seu português misturado com a língua caingangue, dá uma explicação bem empírica para o caso dos netos: "Deus é quem sabe porque eles são assim".

Tereza confirma que os três meninos vivem às voltas com as doenças, mas apesar disso nunca estiveram em hospital. O que aparenta ter mais problemas é o

pequeno Elias, que tem uma visão muito limitada. Ezequias é o mais esguio dos três. Seu olhar tranqüilo oculta seus problemas de saúde e sua vida miserável. Josias, sentado em uma calçada de Itapiranga, vê o progresso passar nas ruas e não entende muito bem por que seu povo foi excluído. "Nossa vida é muito sofrida", confessa Tereza.

**IMPROVISO** - Para se protegerem das chuvas, frio e ventos, os cerca de 20 índios caingangues, que vão a Itapiranga vender artesanato, acampam no subsolo de um clube à beira do rio Uruguai. Sobre um chão de terra insalubre e em meio às madeiras que sobraram de uma construção, eles improvisam camas, mesmo temendo ser

expulsos pela administração da sede social. "Eles não querem que a gente fique aqui", conta a simpática Tereza.

A permanência na cidade catarinense é determinada pela quantidade de cestos, peneiras e balaios vendidos, que têm poucos interessados. Os baús ou cestos para a roupa suja safram de moda. Sobram as cestas pequenas, para as donas-de-casa colocarem linhas, novelos e agulhas. O cesto grande custa R\$ 15,00, ou R\$ 5,00 a mais do que o cesto pequeno. A peneira sai por R\$ 10,00, enquanto que as cestinhas valem R\$ 5,00. "Ninguém mais compra da gente", queixa-se Tereza. "Ontem vendi pouca coisa", diz Jesus. "Não vendeu nada", corrige Tereza.